

28 JUN 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FH acha pesquisas “extraordinárias”

O presidente Fernando Henrique Cardoso hesita 30 significativos segundos antes de responder qual o livro que está lendo. “*O intelectual e o poder*, de Norberto Bobbio”, diz, numa falta de convicção e entusiasmo que dão ao interlocutor licença para concluir que esse Bobbio, nada novo, já foi consumido anteriormente e que, hoje, FH só não diz mesmo qual é a sua leitura predileta atual para não se render assim tão completamente ao mundo prático da política.

Pela satisfação que exhibe diante dos números e pela destreza com que folheia brochuras de pesquisas de opinião, o mais correto seria que respondesse logo que seus autores de cabeceira são Antônio Lavareda Filho, do instituto MCI, e Carlos Augusto Montenegro, do Ibope. São os responsáveis pelas duas pesquisas de opinião mais recentes e que indicam um crescimento tanto na popularidade pessoal do presidente quanto no quesito confiabilidade do governo.

Ele sabe, não nega, que sua performance individual é melhor percebida pelo eleitorado que o desempenho coletivo de seu governo. “Pode nem ser por mérito meu, mas que é verdade, é.” Arrogância? Não, só ironia. E, para não perder a piada, completa: “Meu ego anda deste tamaninho, lá embaixo.”

Os números do Ibope o presidente não tem nas mãos. São aqueles que estão hoje publicados nos jornais. Os da MCI faz questão de ir buscar e compará-los aos da pesquisa do Datafolha, que indica um índice de 39% de ótimo e bom na avaliação do governo.

Fernando Henrique não acha que isso signifique queda de popularidade — “as pessoas confundem as duas coisas, a minha avaliação e a do governo” —, e saca os dados de Lavareda para demonstrar a semelhança.

Na pesquisa feita com mil pessoas via telefone no dia 25 de junho, o governo aparece com 41% de ótimo e bom, 46% de regular e 13% entre ruim e péssimo. Consulta semelhante feita 20 dias antes indicava 37% de ótimo e bom, 49% de regular e 14% entre ruim e péssimo.

“T tecnicamente, os 39% do Datafolha mostram a mesma coisa, não há incongruência.”

Só que, na opinião dele, o principal não é a análise desses dados isoladamente, mas sim a avaliação conjunta de todas as pesquisas desde o início do governo. FH nota que houve momentos bem piores, como em junho do ano passado, e outros bem melhores, como no início deste ano.

Mas, no geral, e isso é que para ele é importante, a faixa de aprovação continua alta e vem se mantendo estável. “O importante é isso, a estabilidade que não está fundada apenas no sucesso do Real, mas na sensação de segurança que a população tem, pois não há expectativa de sobressaltos.”

Considera, portanto, “extraordinários” os resultados quando analisados à luz de uma situação estável.

O momento crítico deste ano, segundo ele, já passou e foi resultado de três fatores: pífio aumento do salário mínimo, a venda mal explicada da Vale do Rio Doce e o efeito político da marcha do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

“Na Vale nós erramos, perdemos sem necessidade, mas podemos reverter quando começar a entrar o dinheiro. O salário mínimo é pouco mesmo, mas não posso fazer diferente e arrebentar a economia. O MST andou errando e saiu um pouco da cena principal.”

Fernando Henrique está relativamente tranqüilo quanto à sua situação junto à opinião pública. “Quando não há besteiras continuadas, o governo sempre se recupera.” E qual o risco de perpetuarem-se besteiras?

“Espero que nenhum.”

Tal e qual

Seladíssimo o destino do superintendente da Suframa, Mauro Ricardo Costa, com demissão em certidão passada em cartório do mais alto escalão da República. O técnico que o substituirá será da mais restrita confiança do ministro do Planejamento, Antônio Kandir. Até aí morreu Neves.

O interessante é que nessa história sobra para todo mundo, mas sobra um bocado maior para o PSDB. Notadamente o do Amazonas. De um lado, a demissão de Mauro era reivindicação do governador Amazonino Mendes, que quer controlar a Suframa via a nomeação de um apaniguado, mas não vai levar. Recebe a cabeça, mas não ganha o direito de substituí-la.

De outro, os defensores tucanos do atual superintendente também saíram-se pessimamente na avaliação do governo federal, que detectou sinais evidentes de que o PSDB pretendia fazer o mesmo que Amazonino: instrumentalizar politicamente a superintendência da Suframa.

Além de os atritos criados por Mauro Ricardo terem caído bastante mal no núcleo central de poder, soou pior ainda a atitude de deputados federais levarem, sem aviso prévio, o rapaz para posarem todos ao lado do presidente para fotografias.

Hoje não erra quem apostar que o secretário-geral do PSDB, o amazonense Artur Virgílio, não anda exatamente privando das boas graças do Planalto e adjacências.